



- Leitor iniciante
- Leitor em processo
- Leitor fluente

**RICARDO PRADO**

---

**No meio da bicharada –  
Histórias de bichos do Brasil**

ILUSTRAÇÕES: Paulo Manzi

---

**PROJETO DE LEITURA**

Elaboração: Luísa Nóbrega  
Coordenação: Maria José Nóbrega

---

- Leitor fluente – 4º e 5º anos  
do Ensino Fundamental

# De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,  
Sabiá na beira-mar,  
Andorinha vai e volta,  
Meu amor não quer voltar.”*



**N**uma primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo

trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,  
e que o sabiá está na beira-mar.  
Observo que a andorinha vai e volta,  
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff\*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da

\* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



## DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA



### UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.



### RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.



### COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.



### PROPOSTAS DE ATIVIDADES

#### a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos an-

tecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

### **b) durante a leitura**

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

### **c) depois da leitura**

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

### **LEIA MAIS...**

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



# No meio da bicharada – Histórias de bichos do Brasil

RICARDO PRADO



## UM POUCO SOBRE O AUTOR

Filho de um professor de Língua Portuguesa e de uma leitora incansável, Ricardo Prado cresceu entre livros. Assim, lia tudo o que aparecia em sua frente, especialmente as coleções de vida selvagem. Após tomar a decisão de se tornar jornalista, entrou na Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1981, com 18 anos de idade. Mais tarde se tornou editor de revistas, trabalhando em títulos como: *Capricho*, *Superinteressante*, *Náutica*, *Nova Escola*, *Carta na Escola*, entre outros. Além deste livro, também escreveu *Uma cor só minha – O diário de um daltônico* e *A fala do céu*.

## RESENHA

Em *No meio da bicharada – Histórias de bichos do Brasil*, Ricardo Prado reconta uma série de narrativas indígenas, transmitidas oralmente desde antes do período da colonização. Ainda que um dos contos do livro narre uma bela lenda que explicaria o surgi-

mento do rio Amazonas, o recorte do autor recai especialmente sobre histórias protagonizadas por animais que falam e propõem-se a transmitir uma sabedoria que procura ajudar o ouvinte a lidar com problemas da vida comum, à maneira das fábulas de Esopo e La Fontaine. Assim, o autor nos conta da rixa gratuita alimentada entre a preguiça e o camaleão, de como o jabuti conseguiu vencer a corrida que apostou com o veado, de como o bode conseguiu deixar apavorada a onça com quem dividia sua casa, de como a mesma onça sentiu-se perturbada pelo canto da araponga e deixou-se levar pela astúcia da cotia, de como o gambá arranjou o seu cheiro tão desagradável etc.

Na maior parte dos contos, os animais mais lentos e/ou frágeis acabam por vencer os mais velozes e ferozes – a inteligência e a esperteza são enaltecidas em relação à força bruta. Os hábitos dos animais da floresta e, especialmente, as relações que estabelecem entre si permitem construir analogias com o comportamento humano, muitas vezes com uma boa dose de humor. O tom é quase sempre muito menos moralista do que o das fábulas que conhecemos.

O livro de Ricardo Prado é uma introdução saborosa ao universo complexo das narrativas indígenas. Diferente de outros países da América Latina, como o Peru, o México e a Bolívia, em que as tradições dos povos pré-hispânicos mantêm-se vivas e constituem em grande parte a identidade da população local, a maioria dos brasileiros mantém-se bastante afastada das tradições indígenas. Trata-se de um arcabouço cultural multifacetado e complexo: antes da chegada dos portugueses, cerca de 900 povos distintos, falando por volta de 1100 línguas diferentes, habitavam o território amplo que mais tarde se tornaria o Brasil. Nos dias de hoje, 250 povos indígenas habitam o território brasileiro. Apresentar às crianças algumas das narrativas das tradições indígenas é uma maneira de desconstruir preconceitos e generalizações, de permitir que descubram a complexidade e a diversidade desses povos que a arrogância do pensamento colonizador nos acostumou a encarar como primitivos.

## QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** contos de bichos.

**Palavras-chave:** esperteza, enfrentamento de problemas, ética.

**Áreas envolvidas:** Língua Portuguesa, História e Geografia.

**Tema transversal:** Pluralidade Cultural.

**Público-alvo:** Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).



## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Chame a atenção para a imagem, o título e o subtítulo: que espécies de animais eles conseguem identificar, entre os que aparecem na imagem?
2. Leia com os alunos o texto da quarta capa, que revela que o livro em questão é uma coletânea de narrativas indígenas coletadas por diferentes pesquisadores. O que os alunos sabem a respeito dos povos indígenas que habitam o país? Diga a eles que o Brasil é composto de 250 povos indígenas que estão espalhados por todo o território nacional e são falantes de aproximadamente 180 línguas e dialetos – quer dizer, há uma diversidade cultural imensa, de modo que não se pode simplesmente referir-se a esses povos de modo genérico, como se houvesse uma homogeneidade entre eles.
3. Ainda no texto da quarta capa, encontramos uma referência a Esopo e La Fontaine, dois clássicos autores de fábulas, narrativas de conteúdo moral, que quase sempre têm animais como protagonistas. Traga algumas fábulas desses autores para ler com a turma.
4. Mostre a eles o sumário, que permite saber de antemão quais são alguns dos animais que protagonizam essas histórias. Seus alunos provavelmente conhecem alguns deles, mas talvez desconheçam outros, como o japim, a araponga, o maguari. Estimule-os a pesquisar um pouco sobre os hábitos e as características de cada um desses animais.
5. Leia com a turma o texto de apresentação de Ricardo Prado, em que o autor comenta um pouco o processo de transmissão das narrativas orais e a maneira como foram compiladas por pesquisadores, a maior parte delas ainda durante o período da colonização. Proponha que realizem uma pesquisa a respeito dos índios Kaingang, que o autor menciona no final do texto.

### Durante a leitura

1. Uma vez que não estamos diante de uma narrativa longa, mas sim de uma série de narrativas independentes entre si, a leitura do livro não precisa ser feita do começo ao fim – os alunos podem guiar-se pelo sumário e começar pelo conto que deixá-los mais curiosos.
2. Como as narrativas indígenas fazem parte de uma tradição oral passada de geração em geração por contadores de histórias, pode fazer sentido realizar uma leitura em voz alta. Se for o caso, disponha os alunos em círculo, sentados no chão, explicando que é muitas vezes assim que os indígenas se posicionam

no momento de ouvir histórias. Explique que no círculo todos são iguais, não existe hierarquia.

3. Estimule os alunos a ler atentamente o quadro explicativo ao final de cada conto, que fornece informações a respeito da região de onde a narrativa se origina, do pesquisador responsável pela compilação e outras informações complementares bastante esclarecedores.
4. Diga aos alunos que procurem notar as semelhanças e as diferenças entre os contos desse livro e as fábulas de Esopo e La Fontaine.
5. Proponha que os alunos procurem notar quais analogias os contos estabelecem entre as características dos animais protagonistas e as relações sociais humanas.

### Depois da leitura

1. Proponha que os alunos realizem uma pesquisa sobre diferentes povos indígenas no Brasil. Apresente a eles o *site* <http://pib.socioambiental.org/pt> – na página de abertura, leem-se nomes de diferentes povos que habitam o país – é possível então clicar sobre os nomes e saber um pouco mais a respeito do grupo em questão. Divida a turma em pequenos grupos e proponha que, tomando o *site* como ponto de partida, cada um realize uma pesquisa a respeito de um povo diferente.
2. Leia com seus alunos o texto da seção *Autor e Obra*, em que Ricardo Prado conta um pouco de sua trajetória e revela ao leitor a maneira como foi tomando gosto para contar histórias.
3. Nos quadros explicativos, o autor fornece informações bastante precisas a respeito das compilações que serviram de ponto de partida para a adaptação dos contos – algum deles têm duas ou mais versões. Procure em uma biblioteca algumas das versões originais dos contos recontados no livro para trazer para a turma. Divida os alunos em duplas ou trios e entregue a cada um deles a versão mais antiga de uma das histórias. Proponha que comparem o texto de Ricardo Prado ao texto de compiladores como Silvio Romero e Luís da Câmara Cascudo, procurando notar as semelhanças e as diferenças entre eles. Quais as diferenças de vocabulário? Que momentos da narrativa Ricardo Prado resolve ressaltar?
4. Proponha que os alunos realizem uma pesquisa a respeito de Tupã (que em tupi significa *trovão*), entidade da mitologia tupi-guarani, que não era exatamente um deus, mas sim uma manifestação da força divina.
5. As fábulas de Esopo e La Fontaine muitas vezes terminam com uma “moral da história” – um texto curto, muitas vezes em versos, que sintetiza o ensinamento contido no conto. Traga alguns exemplos de fábulas com moral e proponha que os

alunos, em duplas, escrevam uma “moral da história” para ao menos três dos contos do livro.

6. O conto *A origem do rio Amazonas* se diferencia do conto do livro por ser um mito de origem repleto de lirismo. Proponha que os alunos realizem uma pesquisa a respeito do maior rio do Brasil – a vida das comunidades que vivem às suas margens, o seu ecossistema etc.
7. Proponha que pesquise na biblioteca outros contos indígenas e selecionem um deles para recontar oralmente para a classe. Durante duas semanas, proponha que, ao final das aulas, se faça uma roda de histórias: a cada dia, dois ou mais alunos ficam responsáveis por contar a mesma história. Se acontecer de alguns alunos escolherem a mesma narrativa, chame a atenção para as diferentes tonalidades e atmosferas que uma mesma história pode adquirir ao ser narrada por diferentes contadores.



## DICAS DE LEITURA

### 1. DO MESMO AUTOR

- *Uma cor só minha*. São Paulo: Moderna.
- *A fala do céu*. São Paulo: Global.

### 2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Kuery*, de Júlio Emílio Braz. São Paulo: Moderna.
- *Histórias da Terra e do Céu*, de Douglas Tufano. São Paulo: Moderna.
- *Roda de histórias indígenas*, de Poranduba. Rio de Janeiro: NAU.
- *Puratig: o remo sagrado*, de Yaguarê Yamã. São Paulo: Peirópolis.
- *Irakisu: o menino criador*, de Renê Khitãulu. São Paulo: Peirópolis.
- *O povo Pataxó e suas histórias*, de vários autores. São Paulo: Global.